

6889-7



O HOMEM E A GUERRA

Sebastião José Ramos de Castro

"Somente os tolos fazem experiência por conta própria, eu prefiro fazer a minha experiência à custa dos outros."

Bismark

(Introdução ao antigo manual de "Minas e Armadilhas")

O militar profissional tem a obrigação de estar preparado para a Guerra. Muito embora essa palavra seja proferida com o temor natural que ela inspira, o que não se pode ignorar, como soldados, é a sua presença no mundo de hoje, em um variado espectro de tipos de guerra e a constante possibilidade de sua eclosão, mesmo envolvendo países amantes da paz.

Por melhores e mais eficientes que sejam os equipamentos bélicos com que contam as Forças Armadas de um país, o fato indiscutível é que a condução e a realização da Guerra é feita pelo homem. Quando se lê atentamente obras sobre a Guerra, analisando sucessos e fracassos, vitórias surpreendentes ou esmagadoras ou derrotas humilhantes verifica-se que, na síntese dos fatos foi decisiva e inquestionável a atuação humana. Essa atuação é permanente e abrangente. Estende-se desde a dos mais altos elementos responsáveis pela condução de

operações militares, nos diferentes níveis estratégicos e táticos, até aqueles que se encontram na ponta da linha, ou seja, os que estão olhando nos olhos do inimigo. As mais brilhantes concepções operacionais fracassaram, muitas vezes, porque ao combatente, embora bem armado, equipado e apoiado, faltava a preparação moral e profissional indispensável para a luta. E o inverso é também verdadeiro. Tropas bem instruídas e adestradas têm sido derrotadas como consequência de má concepção ou condução de operações militares. Ao conceber operações militares, devemos ter sempre presente a necessidade fundamental de realismo e objetividade. Os planos operacionais devem ser realísticos. Não se justificam planos fantasiosos ou por demais ortodoxos e cautelosos. Ao conduzir operações militares, o melhor dos planos poderá redundar em fracasso se os responsáveis pela condução das operações revelarem falta de inicia-

tiva, de capacidade de intervir com oportunidade e de agressividade.

O soldado profissional, ao longo de sua carreira, galgando os diferentes postos na hierarquia, jamais poderá se descuidar de sua preparação moral, intelectual e física para fazer a Guerra. Esse soldado profissional é formado, especializado e aperfeiçoado, instruído e adestrado para uma Guerra que poderá não ocorrer. Mas deverá, sempre, ter uma atitude mental que o condicione à idéia de que a Guerra é provável ou possível. Deve estar preparado para enfrentá-la em qualquer de suas variantes.

Em qualquer escalão, o que se espera do soldado profissional é a aquisição e desenvolvimento de um conjunto de atributos morais e profissionais que o transformem em seguro e eficaz condutor de homens, assegurando-lhe capacidade de chefia e liderança, espírito de iniciativa, coragem física e moral, entusiasmo, devoção, capacidade de sacrifício e tenacidade. É evidente que ao longo da carreira militar, à medida que os anos passam, certos atributos que devem existir no jovem militar profissional são aprimorados como resultado da experiência e pela natural maturidade que vai sendo alcançada pelo homem. Surgem valores como a prudência, sem implicar em indecisão ou falta de impulso, maior capacidade de análise, senso de responsabilidade mais desenvolvido, experiência como resultado do progresso na carreira e da consolidação de ensinamentos e muitos outros.

O homem, mola mestra da Guerra, deve, como julgamos, estar em condições de realizá-la de modo a alcançar o sucesso. E o papel do militar profissional é de capital importância, em todos os níveis da hierarquia. Cabe-lhe preparar combatentes vigorosos, de moral ele-

vada, devidamente instruídos e adestrados; estar consciente que esses combatentes necessitarão dos mais diferenciados tipos de apoio contínuo e eficaz, que esse apoio se traduz em atividades a serem corretamente realizadas e que deverá ser capaz de conduzir operações.

Através de uma bem definida estrutura e orientação o Exército forma, especializa e aperfeiçoa seus quadros profissionais mediante cursos e estágios. Julgamos importante enfocar que ao militar profissional, seguro de que deve estar preparado, sob todos os aspectos, para fazer a Guerra, não lhe basta apenas realizar os cursos e estágios impostos pelas necessidades da carreira. O ideal será que, em todos os escalões da hierarquia, adquira o hábito da leitura e análise de assuntos de natureza militar, apropriados ao seu escalão, especialmente os relacionados com a atividade-fim do Exército.

Presentemente, encontramos excelentes obras sobre assuntos militares editadas pela BIBLIEX e que, lidas e analisadas, proporcionam excelentes ensinamentos. São obras que não devem ser lidas como quem lê um romance, convidando ao leitor assinalar trechos de experiências vividas comprovadoras de que o êxito ou fracasso de operações resultaram de acertos ou falhas humanas na condução das operações de Guerra. A revista *A Defesa Nacional* constituiu-se, também, em um valioso instrumento de cultura militar. Preocupa-nos, porém, a constatação de escassez de publicações ou artigos de natureza militar capazes de despertar o interesse dos militares profissionais que se encontram nos estágios iniciais da carreira. Revendo velhos livros editados pela BIBLIEX encontramos a publicação *Ação das Pequenas*

Unidades na Campanha da Rússia, Ago/ Set 64, tradução de documento publicado pelo Exército dos EUA. É um trabalho de grande interesse não só para o nível de Capitães e Tenentes como para oficiais superiores. Não nos lembramos, entretanto, de terem sido publicados livros semelhantes. Em outros Exércitos, seja por iniciativa de revistas editadas por Escolas de Armas ou de livros publicados sob responsabilidade da própria Instituição, os militares dos escalões menos elevados da hierarquia contam com farta literatura de seu interesse imediato, traduzindo experiências e ensinamentos vividos. Como exemplo, do Exército dos EUA retiramos as seguintes publicações:

Combat Actions in Korea, de Russel A. Guleger, Army Historial Series (Editado pelo Gabinete do Chefe de História Militar do Exército dos Estados Unidos), Washington, D.C. 1970, Revised edition of 1970.

Infantry in Vietnam, 1st Edition, 1967 (Editado pela Infantry Magazine, For Benning, Georgia).

Seven Firefights in Vietnam, de John Albright, John A. Cash e Allan W. Samdstrum (Editado pelo Gabinete do Chefe de História Militar do Exército dos Estados Unidos, Washington, D.C., 1970).

U. S. Army Special Forces, 1961-1971, *Vietnam Studies* pelo Cel. Francis J. Keny, Departamento de Exército, Washington, D.C., 1973.

Ademais, além das Guerras da Coréia e do Vietnã, conflitos diversos têm ocorrido, como as lutas entre árabes e israelenses, a luta na Irlanda etc., de onde se pode colher preciosos ensinamentos para a condução de operações de pequenas Unidades.

Do prefácio de *Combat Actions in Korea*, escrito pelo Maj Gen Orlando

Ward, Chefe do Departamento de História Militar, USA, no período 1949-1952, extraímos o seguinte:

“O mínimo pormenor, obtido de um incidente real na guerra, é mais instrutivo para mim, soldado, do que todos os Thiers e Jominis do mundo. Eles falam, sem dúvida, para os Chefes de Estado e de Exércitos, porém, eles nunca me mostram o que eu desejo saber: um Batalhão, uma Companhia, uma Esquadra em ação”. Essas são palavras do Cel Charles Ardant du Picq (1821-70) em seu *Estudos da Batalha: Batalha Moderna e Antiga*.

Essas ações de pequenas Unidades foram escritas primordialmente para os jovens oficiais, os sargentos e os soldados do Exército dos Estados Unidos. Elas se destinam a muitos e não para uns poucos. Este livro é a tentativa de colocar em suas mãos a experiência de outros no campo de batalha, a confusão da batalha, a importância da disciplina e a necessidade de adestramento constante e realístico.

Espero que lendo estas experiências, aqueles que ainda não estiveram em combate não sejam surpreendidos e nem fiquem subitamente chocados com o que irão se defrontar. Não que essas ações venham a ser repetidas, porém aqueles que as lerem terão uma melhor idéia do que os espera. Uma arma manejada corretamente, uma mina acertadamente colocada, um alcance medido com precisão, um registro bem executado, um clarão, uma nuvem, um pedaço de gelo, a poeira em uma estrada — tudo pode concorrer para o êxito ou o fracasso de um pequeno engajamento e pode significar a vida ou a morte”.

Acreditamos que essas palavras reforçam nossa tese da necessidade de proporcionar aos quadros mais jovens uma

literatura adequada ao escalão, que lhes desperte o interesse pela leitura e lhes sirva de complemento ao seu preparo profissional, especialmente se, como é o caso do livro mencionado, após cada narrativa, sejam discutidos os acertos e falhas constatados.

Quais as alternativas possíveis, na estrutura organizacional atual, que permitiriam atender este complemento de cultura profissional, necessária ao aprimoramento de nossos quadros mais jovens?

Primeira. A BIBLIEX poderia programar e editar, através de uma série específica, duas ou três obras (livro ou coletânea de artigos resumidos num volume) referentes ao emprego de pequenas Unidades e Frações em operações. Tais obras seriam traduções de livros, ou a reunião de artigos de revistas especializadas enfileirados num livro (forma de coletânea), abordando "casos vividos" e seus principais ensinamentos de caráter tático, administrativo e de pessoal (coragem, iniciativa, espírito de corpo etc.).

Segunda. Paralelamente ou não à primeira opção, *A Defesa Nacional* programaria um percentual anual de artigos, deste tipo, destinados aos quadros mais jovens, acima das cotas atuais.

Terceira. Caso o EME considere válida a idéia, em termos de aprimoramento técnico-profissional, com influência indireta positiva, no próprio adestramento, poderia, inclusive, assumir o encargo da preparação e publicação, mediante indenização por parte dos interessados.

A facilidade de ligação com representantes de Exércitos de Nações Amigas, a necessidade e a importância de uma distribuição equânime dos assuntos por Armas e Serviços, a coerência entre os assuntos e a visualização dos objetivos

julgados mais importantes em prol do adestramento, numa determinada conjuntura, aliando assim o interesse individual com o da instituição (objetivos fixados para o biênio, de acordo com as DGI/EME) tudo isto, parece indicar este alto órgão como centro da dinâmica de ativar este projeto, preenchendo uma lacuna existente e complementando o excelente trabalho, iniciado com a publicação dos Cadernos de Instrução.

Quarta. Outra medida que, por certo, contribuiria para ampliar a cultura profissional militar (em qualquer nível) seria a criação de facilidades para o oficial adquirir assinaturas de revistas especializadas de outros Exércitos. Atualmente, o pagamento de uma assinatura anual de revista estrangeira (*Infantry, Armor, Survival* etc.) feita com indenização na base da taxa de câmbio, através do Banco do Brasil, torna o interesse bloqueado pelas disponibilidades financeiras existentes, devido ao valor do custo final (quase o triplo do valor, com as taxas de serviço e remessa postal acrescidas). Assim a leitura dessas revistas, úteis e de grande valor profissional, ficam restritas a uns poucos que têm acesso às mesmas, nas bibliotecas de algumas de nossas Escolas.

Esperamos que as idéias que expressamos sejam analisadas e avaliadas pela BIBLIEX, *A Defesa Nacional* e pelo próprio EME e que, se consideradas válidas, sejam aproveitadas. Reafirmamos, porém, que a Guerra é feita pelo homem e que este, como ser inteligente e racional, bem pode constatar o valor que para ele representa a experiência vivida por outros homens, em particular quando essas experiências foram alcançadas ao custo de extremos sacrifícios, dor e morte.



O General-de-Divisão Sebastião José Ramos de Castro possui, além dos cursos necessários ao acesso aos quadros de oficial superior e oficial-general, o de Comando e Estado-Maior realizado em Fort Leavenworth, Estados Unidos. Exerce atualmente a função de Vice-Chefe do Departamento de Material Bélico.